



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-eixo: Ênfase em Fundamentos.

A ASSIMILAÇÃO DE GRAMSCI EM METODOLOGIA E IDEOLOGIA DO TRABALHO SOCIAL DE VICENTE DE PAULA FALEIROS

Larissa Ranielly Lima Dias¹
Adilson Aquino Silveira Júnior²

Resumo: O artigo aborda a assimilação do pensamento de Antônio Gramsci no importante livro de Vicente de Paula Faleiros *Metodologia e ideologia do trabalho social: crítica ao funcionalismo*. Através de pesquisa bibliográfica, observam-se as implicações político-ideológicas desse uso de Gramsci para a compreensão do significado do Serviço Social nas relações sociais e suas alternativas de atuação.

Palavras-chaves: Antônio Gramsci; Serviço Social; Teoria Social.

Abstract: The article approaches the assimilation of the reflexion of Antônio Gramsci in the theoretical production in the well-known book of Vicente de Paula Faleiros *Metodologia e ideologia do trabalho social: crítica ao funcionalismo*. Through a bibliographical research, it analyzes the political-ideological implications of this use of Gramsci for the understanding of the meaning of Social Work in the social relations and their alternatives of intervention.

Keywords: Antonio Gramsci; Social Work; Social Theory.

1. Introdução

Esse texto aborda as tendências de assimilação do pensamento de Antônio Gramsci no quadro teórico do Serviço Social brasileiro. Em especial, objetiva analisar tal assimilação na produção de Vicente de Paula Faleiros, assistente social com conhecida influência teórica e profissional nos quadros acadêmicos e corporativos do Serviço Social que se engajaram, após meados de 1970, na afirmação de um projeto crítico de ruptura com o tradicionalismo. O estudo pretende contribuir com as pesquisas sobre a influência de Gramsci na construção teórica sobre o significado social do exercício profissional em suas conexões com a produção-reprodução capitalista. Através disso, almeja apreender o modo pelo qual as formulações gramscianas foram absorvidas por esse aparato teórico-crítico, e as implicações político-ideológicas decorrentes dessas formas de assimilação.

¹ Estudante de Graduação. Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: <larissa.limadias18@gmail.com>.

² Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: <larissa.limadias18@gmail.com>.

Com caráter bibliográfico, o estudo possuiu como fonte a produção teórica do autor, com destaque para seu célebre livro *Metodologia e Ideologia do Trabalho Social: crítica ao funcionalismo* (FALEIROS, 1976, 2011) e seus depoimentos e entrevistas publicados em teses ou periódicos (FALEIROS, 2007, 1980; SILVA, 1991). Além de se fundamentar na leitura da história da profissão já consolidada por importantes pesquisadores/as (IAMAMOTO e CARVALHO, 2005; IAMAMOTO, 2010; CARVALHO, 1986; NETTO, 2004; SIMIONATO, 1999). Inicialmente, este estudo busca fixar o lugar e a contribuição de Faleiros para a assimilação do pensamento de Gramsci no Serviço Social brasileiro, quando das primeiras aproximações ao autor dos *Cadernos do Cárcere* na área. Em seguida, é analisado o livro *Metodologia e Ideologia do Trabalho Social: crítica ao funcionalismo* (FALEIROS, 2011), considerando-se a apropriação que opera de Gramsci para pensar o Serviço Social nas relações sociais, e as perspectivas profissionais decorrentes.

2. O lugar de Faleiros na assimilação do pensamento de Gramsci no Serviço Social brasileiro

No precursor estudo sobre a influência de Gramsci no Serviço Social brasileiro, Simionatto (1999, p. 188, nota) apresenta o seguinte apontamento histórico: “Vicente de Paula Faleiros é o primeiro profissional, no Brasil e provavelmente na América Latina, a utilizar o pensamento gramsciano nas reflexões sobre o Serviço Social”. Tal argumento apenas teria validade considerando-se a referência a Gramsci no livro *Trabajo social - ideología y método*, publicado por Faleiros em 1972, através da *Librería ECRO* de Buenos Aires, sistematizando elementos, principalmente, da experiência na Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Valparaíso. Após esses anos, já não se conseguiria apontar um sujeito isolado; Gramsci passava a penetrar o Serviço Social brasileiro por diversos poros. Em todo caso, com efeito, parece justo reconhecer tal pioneirismo. Contudo, ele se reduz, basicamente, a uma remissão solitária, alusiva e imprecisa que o autor do livro de 1972 faz a Gramsci.³ Apenas em 1981, quando o livro ganha uma edição brasileira, revisada e ampliada pelo autor, com o título *Metodologia e Ideologia do Trabalho Social: crítica ao funcionalismo* (FALEIROS, 2011), figura-se

³ Em todo o livro, apenas nesse isolado extrato, no debate sobre o conceito de ideologia, Gramsci aparece, sem qualquer indicação de fonte bibliográfica: “La ideología asegura la cohesión social, una hegemonización de la sociedad. Según Gramsci es el cemento de la estructura social y está presente en toda vivencia humana.” (FALEIROS, 1976, p. 33). É curioso como algumas passagens dos estudos de Simionatto (1999, p. 188), de Carvalho (1986, p. 170), e depois mesmo de Iamamoto (2010, p. 294), sugerem que a incorporação de Gramsci na obra de 1972 foi maior do que efetivamente se observa.

uma incorporação mais consistente de Gramsci no texto. Todavia, nessa altura, a recorrência aos *Cadernos do Cárcere* na literatura especializada que começava a germinar na área do Serviço Social já não consistia propriamente num ineditismo.

Daí desdobram-se algumas implicações para avançarmos na questão da *assimilação de Gramsci no Serviço Social*. Do ponto de vista dos empreendimentos iniciais, essa assimilação deslancha com *caráter policêntrico (ou multicêntrico)* – parece forçado sugerir a existência de um personagem pioneiro que haveria encarnado isoladamente esse feito. Esse *caráter policêntrico* também assinala a *diversidade teórico-política* dos polos por onde desaguou inicialmente a elaboração gramsciana⁴. Por isso, a análise da edição revisada e ampliada do livro de Faleiros *Metodologia e Ideologia [...]*, possui uma inescapável *dimensão de diálogo*, pela qual opera uma *influência recíproca no processo de assimilação em tela*⁵.

3. Gramsci em *Metodologia e Ideologia do Trabalho Social*

Faleiros entra em contato com as ideias de Gramsci durante os anos em que esteve exilado. A década que marcou essa experiência – com um estágio no Chile (1970-1973) e um subsequente período no Canadá (1974-1980) – foi saturada por uma ativa intervenção político-profissional: seja quando da sua participação na reformulação do projeto da Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Valparaíso, nos marcos das lutas e contradições da *Unidade Popular*; seja na atuação docente em processos de intervenção comunitária, com inspiração freiriana, entre movimentos urbanos, quando da sua passagem pela Universidade de Laval em Quebec (SILVA, 1991; FALEIROS, 2011, 2007, 1980). As determinações históricas, as tendências políticas e as especificidades culturais – em cada caso, e em alguma medida – não apenas o apresentaram e o atraíram ao pensamento de Gramsci. Elas também condicionaram as tendências que marcam a assimilação desse legado teórico na reflexão que Faleiros desenvolve para o Serviço Social.⁶

De modo abrangente, duas são as principais marcas que as experiências do exílio sedimentam para o direcionamento e o caráter das elaborações teóricas que

⁴ Não é nossa pretensão esquadrihar o arco de protagonistas dessa assimilação; algo já fornecido por Sionatto (1991, p. 177-212) de modo bastante aproximativo.

⁵ Como se pode perceber na abertura do capítulo inédito que incluiu na edição de 1981 (FALEIROS, 2011, p. 113).

⁶ A incipiente organicidade de Gramsci na obra de Faleiros é testemunhada pela ausência de qualquer menção a seu pensamento no livro *A política social do estado capitalista*, publicado em 1980. Por outro lado, o doutorado em Sociologia, realizado na Universidade de Montreal, entre 1976-1984, com uma pesquisa sobre a regulação dos acidentes de trabalho no Brasil, também não se guiou por um estudo de grande fôlego da obra gramsciana - apenas citações esparsas e pontuais do autor aparece no capítulo de fundamentação teórica.

Faleiros desenvolve, quando observamos seus depoimentos (conf. SILVA, 1991; FALEIROS, 2011, 2007, 1980). Marcas essas que têm seu reflexo particular para configurar as tendências de assimilação do pensamento de Gramsci entre as referidas elaborações teóricas. De uma parte, é notável que os trabalhos de fundamentação são conduzidos pela (e para a) *instrumentalização imediata* das ações militantes e/ou profissionais. Nesse espectro, a tendência de um *pragmatismo militante* cria a inclinação para transfigurar diretamente categorias de natureza teórica, vocacionadas para o reflexo da realidade, em programática metodológica de intervenção político-profissional. De resto, isso oportuniza e impele o ecletismo nos arranjos teóricos construídos, expressando-se formalmente na fragilidade da coerência interna e sistemática dos textos, em geral heteróclitos e compósitos.⁷ De outra parte, a orientação política das elaborações teóricas coloca centralidade na esfera ideológica das relações de forças, sendo matizada pela conquista do poder e dos interesses dos dominados através da via institucional-parlamentar. Além do fortalecimento de tendências conciliatórias no plano das disputas políticas, nessa orientação está implicado um desprestígio (e afastamento) das elaborações da tradição marxista balizadas pelo momento predominante das relações econômicas e pela perspectiva socialista revolucionária de conquista do poder. A seguir, veremos como essas marcas, em alguma medida, se manifestam em determinadas tendências de assimilação de Gramsci no livro em estudo.

Em *Metodologia e Ideologia* [...], o pensamento de Gramsci não aparece incorporado como um fundamento que recebeu um tratamento teórico sistemático do seu quadro categorial e metodológico – o que ocorre, ademais, com a maioria dos principais autores referenciados. Embora Faleiros se socorra, como fontes categoriais, de referenciais que possuem envergadura de elaboração teórica considerável (em especial Marx, Engels e Gramsci, mas também Althusser, Poulantzas e Paulo Freire), fica palpável que são aspectos localizados (centrais ou periféricos) das suas obras o que é pinçado para forjar a construção do seu pensamento. Não se encontram formulações que informem as grandes problemáticas, a riqueza e articulação do quadro categorial, o ritmo e desenvolvimento do pensamento, os limites estruturais e históricos, etc., desses autores. Portanto, essas características mais amplas que limitam a assimilação de Gramsci indicam ser compartilhadas por demais autores de grande

⁷ A falta de coerência interna, no caso do livro *Trabajo Social: ideología y método*, foi indicada por Carvalho (1986, p. 165-166). Algo, ademais, que o próprio Faleiros não assume como pretensão do trabalho, na apresentação do texto (ver FALEIROS, 1976, p. 7). E o risco do ecletismo presente nas elaborações posteriores de Faleiros também foi sugerido por Netto (2005, p. 273, notas).

envergadura mobilizados⁸. Fragmentos de suas problematizações e categorias aparecem ao lado das de outros autores, especial Althusser e Poulantzas, algumas vezes inclusive mescladas com elas, sem qualquer advertência explícita para o leitor.

Gramsci aparece quando a elaboração se volta para desenvolver a concepção de ideologia no *Capítulo 2 – Ideologias do Serviço social*. A intenção é reconduzir o problema das superestruturas – e, por seu turno, da ideologia – equacionando-o numa formulação que superasse a visão mecanicista e unilateral; ou seja, encarando-a agora como esfera dinamizada pelas lutas de classes, portanto expressando-se na *luta ideológica* que seria transversal a todos os “aparelhos do Estado”. Por esse caminho, Faleiros afirmaria o Serviço Social – também inscrito nas superestruturas – igualmente permeado por essas lutas; e, ademais, com a possibilidade de vincular-se ao processo de “formação de uma nova hegemonia” pela qual “[...] as classes dominadas também interpelam os indivíduos como revolucionários” (FALEIROS, 2011, p. 32). Daí a necessidade de absorver os fundamentos de Althusser, Poulantzas e Gramsci. Diz Faleiros: “As contribuições de Gramsci, Althusser e Poulantzas permitiram a reativação de uma problemática que estava estagnada na consideração mecânica de que a superestrutura é puro reflexo da estrutura, ou apenas um entrave, um bloqueio ao desenvolvimento das forças produtivas” (FALEIROS, 2011, p. 27).

Não é Gramsci (nem Marx ou Engels), mas sim Althusser e Poulantzas⁹ (principalmente o primeiro) que aparecem, em Faleiros, como pontas de lança para travar esse debate contra a “tese economicista e mecânica da ideologia” (FALEIROS, 2011, p. 27). Diz o autor: “Reagindo a essa concepção, Althusser e Poulantzas defendem a tese da autonomia relativa do político e do ideológico” (FALEIROS, 2011, p. 27). Faleiros chega a Gramsci apenas depois de indicar, sempre sinoticamente, aspectos da concepção althusseriana de ideologia (associada a outras como a de Estado, ciência, hegemonia, aparelhos ideológicos de Estado), e pontualmente lembrar que Poulantzas compreende as ideologias associadas a classes sociais específicas, “[...] combatendo a visão de classes-sujeito e da ideologia como uma concepção global do mundo imposta por essa classe-sujeito” (FALEIROS, 2011, p. 30). Ao defender Gramsci do que seria uma crítica ilegítima de Poulantzas ao mesmo, Faleiros introduz o comunista sardo na sua análise da ideologia. Diz ele:

⁸ Observe-se que apenas em 1975 chega ao público uma edição italiana mais completa, e de melhor qualidade de aparato crítico, dos *Cadernos do Cárcere*, organizada por Valentino Gerratana, o que dificultava o acesso a essas informações mais sistemáticas da obra para Faleiros.

⁹ De Althusser, a principal fonte é *Aparelhos Ideológicos do Estado* (ALTHUSSER, 1985); e de Poulantzas, *Poder político e classes sociais* (POULANTZAS, 1977).

E o autor [Poulantzas] combate o conceito gramsciano de hegemonia, dizendo que é impossível à classe operária conquistar a direção da sociedade sem a conquista do poder político. Segundo o autor, para Gramsci, o problema da organização política, depende da constituição de uma concepção de mundo imposta por essa classe à sociedade. Ele separa em Gramsci os conceitos de hegemonia e dominação (FALEIROS, 2011, p. 30).

Na resposta a essa crítica, Faleiros assimila algo das formulações teórico-metodológicas gramscianas. Ao mesmo tempo, o modo como filtra e trata de retorquir a pretensa limitação da leitura de Poulantzas, também explicita uma dificuldade (ou mesmo distorção) que o próprio Faleiros demonstra possuir na sua interpretação de Gramsci. Na passagem acima, Poulantzas estaria recusando o argumento – associado equivocadamente ao autor dos *Cadernos do Cárcere* – de que a classe operária deveria, antes da conquista do poder político (e como condição para isso), alcançar a direção (ou hegemonia) da sociedade. Estaria presente aí a ideia de que todas as classes da sociedade deveriam ser conquistadas, no âmbito ideológico, pelo proletariado, para, somente depois, ele se lançar com viabilidade para se apoderar do Estado – algo que subordinaria a tomada do poder político, por essa classe, à finalidade de absorver toda a sociedade, inclusive as classes antagonistas, na sua visão de mundo; como se as classes possuidoras, como um todo, pudessem aderir a concepção de mundo proletária mantendo-se o fundamento econômico que condiciona sua consciência social.

Por outro lado, vejamos como Faleiros prossegue na sua contraposição a Poulantzas, no que se refere à cisão entre hegemonia e dominação em Gramsci. Nessa resposta, também Faleiros denuncia os limites que possuía na assimilação do pensamento gramsciano. Na sequência da citação anterior, Faleiros defende que Gramsci não havia separado os dois conceitos (hegemonia e coerção), que hegemonia e política se constituem na relação complexa das classes sociais com o Estado e na relação das classes sociais entre si. Embora Poulantzas asseverasse que a concepção de Gramsci impedia de considerar a “contaminação ideológica entre as ideologias de cada classe” (FALEIROS, 2011, p. 30), este não assumia as classes sociais em compartimentos estanques, nem fornecia à ideologia a função de ocultação. Acrescenta Faleiros:

As classes fundamentais da sociedade capitalista são a burguesia e o proletariado, constituindo-se numa relação de exploração e dominação. Mas em torno delas constitui-se um “bloco histórico”, uma correlação de forças. Para Gramsci, no “bloco histórico” as formas materiais são o conteúdo e as ideologias a forma. Para esse autor, as ideologias orgânicas “formam o terreno em que os homens se movem, adquirem consciência, lutam”. As ideologias são uma superestrutura, mas devem ser analisadas historicamente (FALEIROS, 2011, p. 30).

Ao revidar Poulantzas, nuançando o efetivo *nexo de unidade dialética entre consenso e coerção*, presente em Gramsci, e concomitantemente detectando a

concepção orgânica e histórica das ideologias, também laborada nos *Cadernos do Cárcere*, Faleiros demonstra uma ainda vulnerável apropriação da noção de “bloco histórico” como “correlação de forças”. Esta última noção – estranha ao léxico gramsciano – apenas guarda alusiva associação com o rico instrumental teórico-metodológico das *relações de forças* (GRAMSCI, 2007). A lacuna teórico-categorial, mais ou menos substantiva, da apropriação de “bloco histórico”, nesse caso, tende a fragilizar a apropriação do problema das superestruturas (e das ideologias, por sua vez) na luta de classes numa perspectiva de *unidade dinâmica e inerentemente recíproca entre estrutura e superestrutura* – essa sim o núcleo heurístico da noção de “bloco histórico” trabalhada por Gramsci. Em suma: esse é o ponto, nesse estrato do texto de Faleiros sobre ideologia, que Gramsci aparece explicitamente discutido (e diretamente citado). No conjunto, a discussão sobre ideologia é marcada pela articulação compósita de conceitos e supostos metodológicos dos três autores citados, os quais estão longe de possuir congruência em torno dos temas discutidos, como reconhece o próprio Faleiros. Destaca-se Althusser como aquele cujas formulações encontram-se mais detidamente desdobradas – embora isso não queira dizer muito além do que algumas páginas dedicadas a ele, citando-se apenas duas obras.

Gramsci apenas torna a aparecer no *Capítulo 7 - Problemática da conscientização*, quando o foco da reflexão reincide nas questões afetas (e intrínsecas) à luta ideológica. Nesse caso, o levantamento da problemática, sem qualquer intenção de sistematicidade, prevê alguma implicação para o redirecionamento da intervenção do Serviço Social numa perspectiva crítica e transformadora. Diz Faleiros (2011, p. 96), logo de partida: “Este capítulo não pretende uma investigação ampla, mas apenas levantar a problemática da conscientização com o objetivo de encontrar um referencial comum entre trabalhadores sociais.” Trata-se de um capítulo já presente no anterior *Trabajo Social: ideología y método*, encerrando aquele livro. Na edição revisada e ampliada, aparece em penúltimo lugar, estampando duas novidades: (I) uma rápida e localizada digressão sobre algumas ideias de Gramsci (FALEIROS, 2011, p. 103-104) que se avalia vinculadas ao tema, sugerindo um enriquecimento da abordagem anterior – e, de modo um pouco mais diluído, a impregnação no texto de algumas formulações associadas ao léxico gramsciano; (II) uma tênue incorporação da reflexão sobre as possibilidades do trabalho institucional como meio para a “conscientização” por parte do Serviço Social (FALEIROS, 2011, p. 105, p. 109-111).

Como demonstrado na apresentação, desde a primeira versão, o tratamento do tema no capítulo rege-se pela perspectiva freiriana, ainda que sem ambição de sistematicidade. Como ocorreu anteriormente na articulação entre Althusser-Poulantzas

e Gramsci no debate da ideologia, ocorre aqui na tentativa de inclusão do autor no quadro analítico de Paulo Freire: algumas ideias e categorias isoladas do marxista italiano são pinçadas – a partir de sínteses realizadas através de fontes secundárias de seus intérpretes de ocasião – para subsidiar e enriquecer as colocações freirianas com potencial de desdobramento para direcionar as alternativas de intervenção do Serviço Social.

Recorrendo aos traços fundamentais do método e da concepção de Paulo Freire, Faleiros (2011, p. 98) relaciona à “conscientização” “[...] a luta de todos os trabalhadores por sua libertação, pela conquista de sua consciência de classe, e do poder político que lhes permita orientar toda a sociedade segundo o projeto que eles mesmos elaboram.” Do qual o ponto de partida seria a “problematização” e o “diálogo”; e a mediação, portanto, a comunicação. Gramsci aparece nessa versão revisada do texto para situar o necessário trabalho da “comunicação” e da “conscientização” sob a égide do seu conceito de hegemonia: “Na luta por sua libertação, surgem distintas frentes para os movimentos sociais, de acordo com as condições concretas, as correlações de forças e sua luta pela hegemonia. É necessário situar o trabalho de comunicação e conscientização dentro do conceito de hegemonia” (FALEIROS, 2011, p. 103). Abstraindo muitas minúcias conceituais e textuais, aqui é importante assinalar como Faleiros se *afasta da perspectiva teórico-metodológica gramsciana na interpretação que fornece para o conceito de hegemonia* em Gramsci (2002), logo na sequência do extrato antes citado. Duas são as formas desse afastamento: (I) na medida em que sugere a cisão-oposição entre coerção e consenso – pois na concepção de supremacia (GRAMSCI, 2002) e de *Estado orgânico ou integral* e de *bloco histórico* (GRAMSCI, 2007) trata-se de uma *unidade orgânica e concreta*; e (II) na proporção em que desvanece a crítica da estrutura econômica, e das formações das classes, para o tratamento da questão da hegemonia – como aparece da análise das relações de forças em Gramsci (2007) e na análise do *risorgimento* italiano em Gramsci (2002).

Ambas as formas, explícita ou implicitamente, se manifestam nessa passagem que segue no texto: “Hegemonia significa em primeiro lugar a conquista do consenso das classes dominadas pela capacidade de direção das classes dominantes. Significa também a capacidade que a classe operária tem de conquistar as consciências de seus aliados na formação de um novo bloco histórico” (FALEIROS, 2011, p. 103). Em seguida, vemos: “Dessa forma, o conceito de hegemonia releva principalmente o que se pode chamar de *consenso*, persuasão, por oposição a coação, violência, força, imposição” (FALEIROS, 2011, p. 103). De um lado, se esvanece aí (ou aparece apenas de modo tênue em outros trechos) a articulação do fundamento material que alicerça as

potencialidades hegemônicas, historicamente dadas, das classes sociais – sempre enfatizado por Gramsci em seus escritos, como naqueles seminais para o entendimento da sua visão de hegemonia, os *Cadernos 13 e 29* (GRAMSCI, 2007, 2002). De outro lado, explicitamente se afirma a oposição entre *consenso* e *coerção*, recusada pelo autor dos *Cadernos do Cárcere*, e que sugere a criticada cisão orgânica entre hegemonia e domínio (ver GRAMSCI, 2007), cujo corolário político é o esgotamento da estratégia de poder no problema da conquista ideológica.

No parágrafo seguinte – onde se conclui a passagem do capítulo que condensa a interpretação das ideias de Gramsci aí contidas – as duas formas de afastamento mencionadas se expressam numa inclinação para uma apartação material-institucional entre sociedade civil e sociedade política; assim como na afirmação de uma nova estratégia de poder nas “sociedades ocidentais”, que vai se diluindo e esgotando na luta pelo consenso. Diz Faleiros (2011, p. 103): “A ideia do consenso, principalmente a desenvolvida por Gramsci, leva a considerar uma nova estratégia nas sociedades ocidentais em que os aparelhos do estado tentam ou buscam obter a legitimação das classes dominantes, de seu poder, pelo convencimento.” Em seguida, há uma abordagem em que subjaz uma interpretação dos complexos da “sociedade política” e da “sociedade civil” em Gramsci como diferentes instâncias institucionais-materiais (ademais, senão dicotômicas, ao menos tendentes a isso) – e não na condição de expressão de determinadas funções no exercício da supremacia de classe, com trata o autor dos *Cadernos do Cárcere* em Gramsci (2007, 2002). Afirma Faleiros (2011, p. 103): “Por aparelhos do estado entendemos não só as instituições próprias do poder político, mas também as instituições privadas, o que poderia ser melhor denominado de aparelhos de hegemonia.” Embora na sequência o autor apresente algumas reservas no sentido de evitar entender isolada e rigidamente separados “Estado” e “sociedade civil”, sua constatação de princípio já subverte a forma de Gramsci enfrentar a questão – observando a dialética concreta da função social e não cristalizando-os na condição de determinadas estruturas institucionais-materiais.

4. Considerações finais: algumas implicações do debate de Faleiros para as projeções profissionais

Os limites dessa abordagem para as soluções que Faleiros equaciona para o trabalho de “conscientização” do Serviço Social se manifestam numa idealização (ou trato ainda abstrato e voluntarista) das suas possibilidades no espaço institucional. Ademais de constatar que as classes dominantes na América Latina controlam os

aparelhos de informação, determinam seu fluxo de modo unidirecional, centralizado e vertical, arroga: “Ao inverso desse modelo de consenso, um novo processo de comunicação pode ser engendrado, a partir de um relacionamento participativo, de baixo para cima, descentralizado. A população pode construir seus meios, seus instrumentos, seus códigos de comunicação” (FALEIROS, 2011, p. 104). Algo que até poderia contar, acredita o autor, com os mecanismos institucionais, sendo o “[...] próprio trabalho institucional [...] um dos meios para tornar oportuna essa reflexão, esse intercâmbio gerador” (FALEIROS, 2011, p. 104). Esmacidos os fundamentos materiais e a dialética coerção-consenso do poder dominante, além dos limites da estrutura de classe das próprias instituições, a convocação soa uma genérica e voluntarista petição de princípios:¹⁰ “[...] Nesse sentido, a *partir da própria atuação institucional*, é necessário ir vendo o processo de organização e mobilização, vinculado a uma perspectiva globalizadora de luta” (FALEIROS, 2011, p. 110). Por outro lado, o horizonte e os resultados factíveis para a intervenção profissional reduzem-se às integráveis e moderadas práticas participativas democratizantes: “Esse deve ser o objetivo do trabalho social: a participação decisional da população no seu próprio destino, a partir de táticas em que essa participação se vá tornando efetiva nas relações de atribuição, de distribuições de recursos muitas vezes limitados” (FALEIROS, 2011, p. 111).

Gramsci apenas volta a ser referido no capítulo inédito preparado para a edição brasileira de *Metodologia e Ideologia...*, intitulado *Capítulo 8 - Reconceituação: ação política e teoria dialética*. Consiste numa apreciação do movimento de reconceituação do Serviço Social na América Latina, onde Faleiros propõe uma leitura da trajetória desse movimento a partir do seu desdobramento em duas tendências, por ele identificadas como “paradigma das relações interpessoais” e “paradigma das relações de forças”. Embora não existam propriamente no texto apontamentos teórico-interpretativos sobre a natureza, funções e estratégias para o Serviço Social – mas uma análise e caracterização das tendências da reconceituação – o autor chega a comentar algumas contribuições, nesse sentido, colocadas pelo “paradigma das relações de forças”. Dentre elas, destaca a assimilação então recente de Gramsci na abordagem da problemática do poder na esfera institucional e do papel do Serviço Social na relação com as classes.

No primeiro caso, Faleiros (2011, p. 135) informa que Gramsci, ao lado de Foucault, teria colaborado para fornecer concreticidade para a problemática do poder,

¹⁰ Quando sinaliza as formas de viabilizar essa “conscientização” no meio institucional, Faleiros (2011, p. 109) apenas consegue projetar a mudança da comunicação profissional ou, arriscando alguma estratégia de “ludibriar” o controle nesse meio.

possibilitando pensar a “[...] reflexão e a ação ao nível nos micropoderes às casamatas da sociedade civil constituídas pelas instituições”. E acrescenta: “As relações de forças começam a ser vistas numa nova perspectiva, a da tecnologia de poder, e dos micropoderes dos aparelhos institucionais, em sua relação com o poder político das classes sociais”. A apropriação da noção gramsciana de “intelectual orgânico” seria outro contributo, então sendo elaborada no que tange ao Serviço Social. Nessa apropriação, o “[...] intelectual não é visto como funcionário das superestruturas, da dominação. Por sua vinculação aos interesses do proletariado, dos camponeses e demais subalternos e oprimidos, pode *contribuir* para uma nova correlação de forças, uma nova hegemonia, um novo ‘bloco histórico’ da transformação” (FALEIROS, 2011, p. 135). Nesse ínterim, acrescenta o autor que igualmente o “[...] conceito de ‘hegemonia’, como direção, como conquista de consenso social em função dos interesses das classes dominadas abriu caminho para novas ações, a partir do lugar do trabalho dos profissionais, situando a ação profissional concreta numa perspectiva política” (FALEIROS, 2011, p. 135).

Apenas nesses rápidos comentários finais, destilados por Faleiros no trecho do capítulo inédito, notam-se as mesmas tendências de assimilação de Gramsci verificadas nas passagens anteriores de *Metodologia e Ideologia...: a busca de conciliação da sua elaboração com aparatos teórico-metodológicos estranhos à tradição ao qual se vincula*, nesse caso expressa, na tentativa de traduzir as ideias de Gramsci nas teses de Foucault, sem qualquer alusão a um estudo mais profundo que tenha justificado essa possibilidade; as categorias dos escritos gramscianos são transplantadas para o plano interpretativo do Serviço Social ainda com frágil rigor teórico; e, por último, a inclinação para a assimilação de Gramsci no sentido de compor um viés militante e politicista para o horizonte profissional do Serviço Social – expresso no extrato citado na tentativa de identificá-lo como “intelectual orgânico” das classes exploradas, inerente ao processo superação do capitalismo; a mesma operação, realizada anos depois por Abreu (2008), que foi objeto de uma interessante crítica de Iamamoto (2010).

REFERÊNCIAS

ABREU, M. M. **Serviço Social e a Organização da Cultura: Perfis Pedagógicos da Prática Profissional**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos do Estado**: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

AMANN, S. B. **Ideologia do Desenvolvimento de Comunidade no Brasil**. 12^a ed. São Paulo: Cortez, 2013.

CARVALHO, A, M. P. de. **A Questão da Transformação e o Trabalho Social: uma análise gramsciana**. 2^a ed. São Paulo: Cortez, 1986.

FALEIROS, V de P. **Metodologia e ideologia do trabalho social: crítica ao funcionalismo**. 12^a ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Trabajo Social: Ideologia y Método**. 3^a ed. Buenos Aires: ECRO, 1976.

_____. DEPOIMENTO – De Vicente de Paula Faleiros a Mariangela Belfiore, Maria Carmelita Yazbek e Raquel Raichelis. **Serviço Social & Sociedade**, ano 1, n. 2, p. 127-138, março de 1980.

_____. Entrevista com Vicente de Paula Faleiros. **Serviço Social & Saúde**, Campinas v. 6, n. 6, p. 153-170, maio de 2007.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo**. 6^a ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011. (v. 2).

_____. **Cadernos do cárcere: notas sobre o Estado e a Política**. Trad. Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007. (v. 3).

_____. **Cadernos do cárcere: O Risorgimento. Notas sobre a história da Itália**. Trad. Luiz Sergio Henriques com a colaboração de Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002. (v. 5).

IAMAMOTO, M. V. e CARVALHO, R. de. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 18^a ed. São Paulo: Cortez, 2005.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. 4^a ed. São Paulo: Cortez, 2010.

NETTO, J. P. **Ditadura e Serviço Social**. 7^a ed. São Paulo: Cortez, 2004.
POULANTZAS, N. **Poder Político e Classes Sociais**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

SILVA, L. M. M. R. de. **Aproximação do Serviço Social a tradição marxista: caminhos e descaminhos**. 1991. 456f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

SIMIONATTO, I. **Gramsci: Sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social**. 2^a ed. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 1999.